

Claudio Moreira Bento
Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande
do Sul

**SESQUICENTENÁRIO DO COMBATE DO
RIO PARDO**
A maior vitória Farroupilha

Lembrança do IV Encontro do IHTRGS em Rio Pardo em em
38 de Abril de 1988

CLAUDIO MOREIRA BENTO

Presidente do IHTRGS

**SESQUICENTENÁRIO DO COMBATE
DO RIO PARDO**

A maior Vitória Farrapa 30 Abr 1988

Lembrança do IV Encontro do Instituto de História e Tradições do RGS em
RIO PARDO-RS

Em 30 abril 1988 transcorreu o Sesquicentenário da maior e mais retumbante vitória militar da República Rio-Grandense (183645) — o combate do Rio Pardo e por certo ponto culminante de sua História Militar. Ao mesmo tempo ele chegou a ser classificado pelos imperiais de “Hecatombe do Rio Pardo e desastre do Rio Pardo”, o que causou “extrema sensação no Império pelo inesperado sucesso, e foi um golpe fatal para a legalidade; porquanto deu força moral e grande empenho à rebelião que por momentos considerou-se definitivamente vencedora”, no dizer de Tristão de Alencar Araripe em 1881.

Situação Geral

Em 20 set 1835 estourou a Revolução Farroupilha a qual aderiram maciçamente a Guarda Nacional e a Guarnição do Exército Imperial da Província do Rio Grande do Sul. A Revolução conseguiu, em curto espaço de tempo, os seus objetivos: A deposição do Presidente Fernandes Braga e do seu Comandante-das-Armas o Marechal Francisco Sebastião Barreto, comandante imperial do combate que ora focalizaremos.

A nomeação de novo Presidente — Araújo Ribeiro, trouxe para o lado da legalidade o Cel Bento Manoel Ribeiro, o que alterou os rumos da Revolução.

Tendo Araújo Ribeiro assumido a Presidência na cidade do Rio Grande e passado a dominar de modo incruento, esta posição estratégica, vital os contendores, os revolucionários concentraram seu esforço, a partir de Pelotas, em reconquistá-la, enquanto Bento Gonçalves da Silva, líder da revolução, tentava bater Bento Manoel atuando na Campanha.

Estas manobras desguarneceram Porto Alegre que voltou para as mãos dos imperiais, em 15 junho 1836, em conseqüência de ousado golpe de mão liderado pelo Major Manoel Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre. O governo revolucionário civil foi preso e enviado para a fortaleza de Santa Cruz, no Rio. Os imperiais se fortificaram em Porto Alegre que foi sitiada em 27 jun — 18 set 1836. Em 23 ago foi levantado o sítio naval em Itapoam e ,em 4 out, Bento Gonçalves foi aprisionado na ilha do Fanfa, enviado para o Rio quando, depois de levantar o 1º sítio de Porto Alegre, marchava para a Campanha.

Neste quadro adverso, os revolucionários bateram tropas imperiais no Seival, berço da República Brasileira, em 10 out 1836, proclamando a República Rio-Grandense no dia seguinte, no campo do Menezes e instalando-a em 6 nov, em Piratini, ocasião em que Bento Gonçalves foi eleito Presidente da República, mesmo preso no Rio de Janeiro.

Pressionados, os agora republicanos, abandonam o Rio Grande do Sul e internam-se no Uruguai, em 4 dez 1836, até o Bento Manoel prender no passo do Itapevi, em Alegrete, o Presidente da Província Marechal Antero Brito..

Em 8 abr os republicanos sitiaram e conquistam Caçapava e, de 11 mar 1837 — 13 fev 1838 submeteram Porto Alegre ao 2º sítio, que incluiu bombardeios de Artilharia a partir dos Moinhos de Ventos.

Em 25 Jan 1838,o Presidente da Província e Comandante-das-Armas Marechal Elizeário Miranda Brito empreendeu, a partir de Porto Alegre uma manobra disbordante: Porto Alegre-Cai-Portão —São Leopoldo-,Gravataç, durante 18 dias, obrigando os republicanos, ao comando Cel José Mariano de Mattos levantarem o sítio terrestre e se retirarem para Lajes-SC, que então a conquistaram para os republicanos riograndenses.

Entusiasmado com o sucesso, o Marechal Eliziário atuou sobre Rio Pardo, como se verá a seguir.

Situação Particular

Em 3 nov 1837 o Marechal I Antonio Elzeário de Miranda e Brito assumiu o Comando-das-Armas e da Prov(ncia do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sob o 2º sítio republicano. Em 31 jan 1838 tentou disbordar o sítio republicano em Viamão e atacá-lo pela retaguarda. Não conseguiu o ataque, mas obrigou os sitiados a se retirarem para Lajes. Entusiasmado com esta vitória, investiu Rio Pardo que era defendida pelo Gen Bento Manoel Ribeiro. À aproximação de Elzeário, Bento Manoel evacuou Rio Pardo e retraiu para os lados do passo Pederneiras, do rio Jacui. Isto deu-se em 17 mar 1838. Bento Manoel não foi perseguido para além de Cachoeira do Sul, em razão do mau estado da cavahada imperial. Elzeário dirigiu-se para Porto Alegre e deixou a praça ao comando do Marechal Sebastião Barreto, coadjuvado pelo bravo Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, como comandante da Infantaria (19 e 29 BC) e o oriental Brig Izaias Bonifácio Calderón, como comandante da Cavalaria (29 e 3.º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional e da Artilharia (8 peças). Em Taquari, à disposição de Barreto, ficou o 8º BI e ao longo do Jacui a barca a vapor “**A Liberal**”, ao comando de Greenfel e uma esquadrilha de canhoneiras no rio Jacui, em Rio Pardo. O Mal Sebastião Barreto ficou ocupando Rio Pardo com a seguinte missão segundo interpreto:

— Impedir que os republicanos atravessassem o rio Jacui, do Sul para o Norte, desde o rio Pardo até Porto Alegre. Isso equivalia, principalmente, para as forças terrestres em Rio Pardo, impedir que os republicanos penetrassem no Quadrilátero formado pelos rios Jacui (Sul e Leste), rio Pardo (Oeste e NO) e arroio da Ponte do Couto (Norte) (Vide esboço)

Assim faziam frente as seguintes possibilidades republicanas:

— Atuar contra as cavahadas imperiais guardadas em Rincão del Rey (sobre a estrada atual Rio Pardo — Santa Cruz do Sul)

— Usar o Rincão del Rey como base de partida para atuar contra a Vila do Rio Pardo, ao longo da estrada ligando Rincão del Rey- Coxilha do Barro Vermelho-Vila do Rio Pardo.

— Usar o Rincão del Rey como base de partida para cortar, na ponte do passo do Couto, a possibilidade de retirada ou de reforço imperial.

— Cortar a possibilidade de retirada terrestre imperial pela ponte do Couto, para Santo Amaro e Porto Alegre e por via de consequência, atuar a partir da Ponte do Couto sobre a vila do Rio Pardo, contra os imperiais cercados, e ao longo da estrada Real, na direção Passo do Couto-Coxilha do Barro Vermelho-Vila do Rio Pardo.

A estratégia republicana se resumia no seguinte, segundo interpreto:

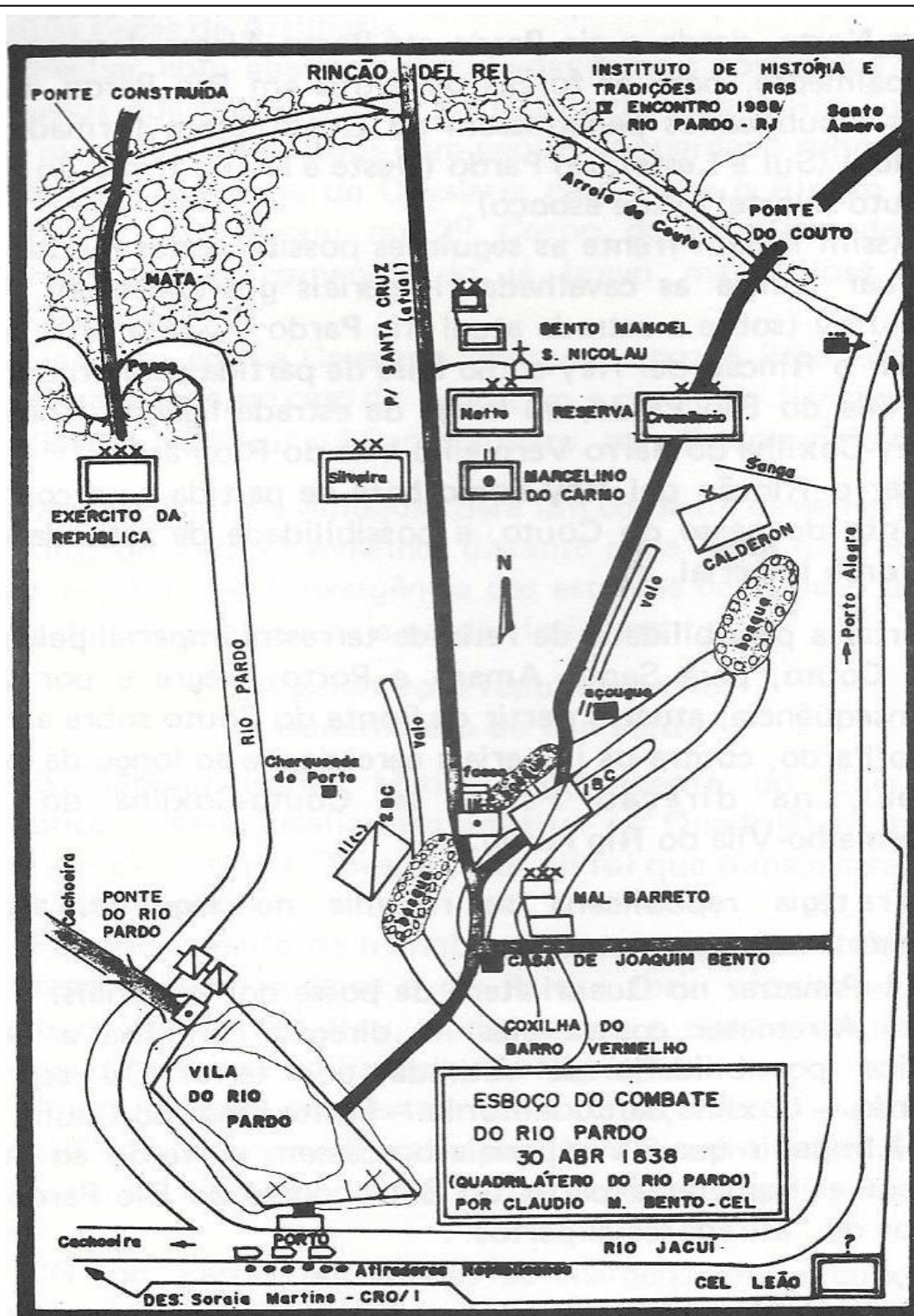
— 1º) Penetrar no Quadrilátero de posse dos imperiais.

— 2º) Arremeter contra eles na direção contrária a de sua única possibilidade de retirada por terra. Ou seja Rio Pardo — Coxilha Santo Antônio — Ponte Passo do Couto.

— 3º) Impedir que os imperiais buscassem proteção ao Sul do Jacu(e inquietar a partir do Sul o porto do Rio Pardo com **“atiradores expertos”**”.

Para fazer face a possibilidade republicana de tomarem as cavalhadas imperiais no Rincão dei Rey e penetrarem no Quadrilátero que defendiam, os imperiais tomaram as seguintes providências defensivas:

— Tirar o estrada da ponte do Rio Pardo, impedindo-a de ser usada e defendê-la com 2 companhias de infantaria do 2º BC e duas peças de Artilharia.



— Fechar com abatizes derrubadas e mais obstáculos, todos os passos que possam haver no Rio Pardo, para o Rincão dei Rey e mantê-los observados com pequenas guardas e rondas.

— Manter um corpo de Cavalaria para vigiar o Rincão del Rey, encargo que recaiu no 3º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, ao comando do já bravo major José Joaquim Andrade Neves.

— Atacarem com a Cavalaria reforçada com 1 BC e Artilharia ,os republicanos,no caso de atacarem a partir do Rincão dei Rey.

— Vigiar o rio Jacui até Santo Amaro, com 2 canhoneiras.

A posição mais vantajosa para um combate dessa natureza era a coxilha do Barro Vermelho, distante meia légua da Vila do Rio Pardo e ponto de convergência das estradas do Rincão dei Rey e Ponte do Coûto e que seria usada efetivamente.

— “Fechar com abatizes derrubadas e mais obstáculos todos os passos que possam haver no Rio Pardo, para o Rincão dei Rey e mantê-los observados com pequenas guardas e rondas”.

— Manter um corpo de Cavalaria para vigiar o Rincão dei Rey, encargo que recaiu no 3º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, ao comando do já bravo major José Joaquim Andrade Neves.

— Atacarem com a Cavalaria reforçada com 1 BC e Artilharia os republicanos,no caso de atacarem a partir do Rincão dei Rey.

— Vigiar o rio Jacui até Santo Amaro, com 2 canhoneiras.

A posição mais vantajosa para um combate dessa natureza era a coxilha do Barro Vermelho, distante meia légua da Vila do Rio Pardo e ponto de convergência das estradas do Rincão dei Rey e Ponte do Coûto e que seria usada efetivamente.

A penetração republicana no Quadrilátero do Rio Pardo

O General Bento Manoel comandante do Exército da República e Neto idealizaram penetrar no Quadrilátero a NO, na altura do Faxinal das Oliveiras. Por ali foi que transpuseram o Rio Pardo. (Vide esboço)

Foi encarregado da manobra de penetração David Canabarro. Ele transpôs com sucesso o rio Pardo, abriu picadas na mata e atingiu o Rincão del Rey, onde passou a dar cobertura para a travessia do restante do Exército da República.

Antonio Neto, em parte a Bento Gonçalves, comandante do Exército e fixando uma força imperial em Piratini, assim descreveu a odisséia da travessia do rio Pardo e da mata. até o Rincão dei Rey.

“O rio Pardo em ambas as margens era circundado de pântanos. O terreno atolava excessivamente. Só com extrema dificuldade os animais conseguiram vencê-

lo. Além disso, no centro de um mato cerrado, também circundado de matos, havia um forte arroio com uma barranca bastante alta e profunda. No curto espaço de 10 horas foi sobre ele construída uma ponte espaçosa pela qual passou todo o Exército”

Segundo Tasso Fragoso, a vigilância do Rincão del Rey foi confiada ao Major Andrade Neves e passou-lhe despercebida a travessia do rio e da mata pelo Exército Republicano.

Dia 27 abr, o Cel Canabarro, dentro do Quadrilátero, surpreendeu e capturou duas patrulhas de Andrade Neves e delas obteve a informação que estê com 150 homens (3º RC) estava na entrada do Rincão del Rey.

Andrade Neves foi atacado por uma guerrilha republicana e, passou a retardá-la na direção da coxilha do Barro Vermelho onde foi acolhido pelo brig Xavier da Cunha, a frente do 1º BC e de duas peças de Artilharia.

Os republicanos tomaram posse da cavahada imperial que estava no Rincão del Rey, em número superior a 1000, sendo grande parte em mau estado, segundo Tasso Fragoso. Do Rincão del Rey Netto enviou uma força na direção da ponte do Couto sobre a única comunicação por terra Rio Pardo — Santo Amaro, que foi então cortada. O Mal Barreto receioso que através da ponte do Couto os republicanos atacassem o 8º BI, em Santo Amaro, ordenou que este se retirasse urgente para Triunfo.

O Mal Barreto soubera, certo, da ocupação republicana do Passo do Couto ainda em 27, através de reconhecimento insatisfatório que fizera o brig Xavier da Cunha. Possuindo forças superiores para manter a posse da estratégica e vital ponte do Couto, o brig Cunha retraiu e tomou posição na coxilha do Barro Vermelho, aceitando o fechamento da única via de retirada terrestre, em caso de eventualidade. Os republicanos gradativamente foram interpondo reforços entre os republicanos e a ponte do Couto e transformando esta área em base de partida para um ataque geral. Ao mesmo tempo se previniam para a hipótese de retirada por esta, direção, caso a situação no interior do Quadrilátero viesse a se tornar insustentável. Ainda a tarde de 27, Antonio Neto avançou do Rincão del Rey com o 1º Batalhão de Infantaria de Linha e o 1º Corpo de Lanceiros Negros e alguns esquadrões da 2ª Brigada de Cavalaria da região de Piratini.

Enquanto isto, Bento Manoel transpunha ainda o rio Pardo, com Artilharia e o restante do Exército, Só atingiu o Rincão dei Rey, em 28.

No dia 29, a noite, todo o Exército da República, sob armas, estava reunido na baixada entre a Coxilha do Barro Vermelho e a Ponte do Couto e atrás dele uma linha de possível retraimento, livre de interferência imperial.

Na margem direita do rio Jacui ficou o coronel Leso para dar o sinal de os imperiais tentarem repassar o Jacui sem oferecer combate e bloquear com tiros de atiradores de escól o porto do Rio Pardo.

Forças em Presença

Republicanos — Os relatos republicanos disponíveis não esclarecem em detalhes o combate. Estima-se as tropas republicanas vindas de diversos lugares da Campanha em cerca de 2800 (segundo Caldeira).

Estavam presentes as seguintes lideranças farrapas: generaes Antonio Netto e Bento Manoel Ribeiro, coronéis José Antonio da Silveira, Domingos Crescêncio, Marcelino do Carmo, David Canabarro, Onofre Pires e tenentes coronéis Teixeira Nunes e Amaral. Enfim a mais expressiva oficialidade do Exército da República, a exceção Bento Gonçalves, em Piratini e o Cel José Mariano de Mattos, em Lajes.

Segundo o cronista Manoel Alves da Silveira Caldeira, que participou do combate, como porta estandarte do 1º corpo de Lanceiros Negros, ao comando de Teixeira Nunes, “**o plano do ataque do Rio Pardo foi to bem combinado que 3 dias antes dele todas as forças republicanas já se haviam reunido para atacarem o inimigo que estava a espera em posição muito vantajosa**” na coxilha do Barro Vermelho, hoje parte da cidade do Rio Pardo e distante meia légua de seu centro.

Imperiais: Estavam presentes as seguintes lideranças: Mal Barreto e brigadeiros Cunha e Calderon e o Cel Guilherme José Lisboa Comandante do 29 BC (que escreverá este dia bela página de bravura), o maj Andrade Neves e cap Ignácio Ourives no comando de um esquadrão independente.

O efetivo imperial no Rio Pardo, 14 dias antes do combate, era de 1546, dos quais 886 infantes 552 cavalarianos da Guarda Nacional e 99 artilheiros. Barreto dá como cerca de 1000 os que participaram no combate e Araripe como 1200 combatentes imperiais.

Dispositivo para combate (Acompanhar pelo esboço)

Lisboa Comandante do 2º BC (que escreverá este dia bela página de bravura), o maj Andrade Neves e cap Ignácio Ourives no comando de um esquadrão independente.

O efetivo imperial no Rio Pardo, 14 dias antes do combate, era de 1546, dos quais 886 infantes 552 cavalarianos da Guarda Nacional e 99 artilheiros. Barreto dá como cerca de 1000 os que participaram no combate e Araripe como 1200 combatentes imperiais.

Imperiais Tomaram posição dominante na Coxilha do Barro Vermelho a frente da confluência das estradas que demandavam a vila do Rio Pardo. Dispuseram a Infantaria, tendo a Artilharia ao meio, em posição mais dominante, da charqueada do Porto até o Açougue. A posição da Infantaria aproveitava 2 capões de mato, com um intervalo entre estes de 500 m onde foi colocada a Artilharia, tendo um fosso escavado e sua frente é protegida por 50 infantes. A esquerda desta posição ficou o 2º BC (—) ao comando do Cel Guilherme Lisboa. A direita desta posição ficaram duas companhias do 19 BC. As 5 restantes ficaram em Reserva muito próximo da linha de defesa junto a Artilharia. A partir do Açougue começava a ala Direita — toda de Cavalaria ao Comando de Calderon, com o 3º e 4º Corpos da Guarda Nacional e o Esquadrão Independente de Ourives.

Neto, através de informações de combate, acompanhava em detalhes este dispositivo imperial e concluiu que ele apresentava as seguintes vulnerabilidades:

— Descontinuidade da linha de defesa imperial, com espaço entre elas que dificultava o apoio mútuo entre os núcleos de defesa e, além, sugeriam infiltrações republicanas nos mesmos.

— Colocação da reserva muito junto a linha de defesa, facilitando o seu engajamento involuntário, logo no in(cio do combate. Ou seja a 50m a frente e a direita da Artilharia.

Basicamente o dispositivo Imperial resumia-se na Infantaria e Artilharia formando a Esquerda e o Centro Imperial. Estes esquerda e centro tirando partido de terreno ideal para uma defesa (Excelente dominância, tiro cruzado dos BC, boas cobertas e abrigos e acidentes capitais de fácil defesa) e a Cavalaria numa frente mais ampla, formando a Direita.

Os imperiais ocuparam valas que bordavam as estradas ao aproximarem-se do Barro Vermelho, posição considerada ideal e classificada de “formidável”.

Republicanos Eles tomaram posição na baixada entre a ponte do passo do Couto e a Coxilha do Barro Vermelho e adotaram original dispositivo sob o comando geral do gen Bento Manoel Ribeiro.

Ali se fez presente quase todo o Exército da República Rio-Grandense que concentrou-se em Pederneiras para onde Bento Manoel havia se retirado sob pressão, do Rio Pardo.

Segundo se conclui dos relatos que se completam, do imperial Mal Barreto, do republicano gen Antonio Neto e do cronista farrapo Manuel Caldeira que neste dia atuou como sergente porta estandarte do Corpo de Lanceiros Negros e mais de estudos de Alfredô Varela e Tasso Fragozo, foi o seguinte o dispositivo republicano para o ataque:

Ala Esquerda — A Divisão de Cavalaria ao comando do Cel João Antonio da Silveira contando com reforços de Infantaria dos 1º e 3º batalhões desta Arma.

Centro:—Artilharia republicana contando com o apoio de alguns pelotes de **Caçadores**.

Ala Direita: — 2 Divisão de Cavalaria ao comando do Cel Crescêncio a qual subordinava-se uma brigada integrada pelo Corpo de Lanceiros Negros, ao comando do canguçuense Joaquim Teixeira Nunes e pelo Corpo de Atiradores, ao comando do rio pardense Ten Cel Antonio Manoel do Amaral. Integrava a Divisão um esquadrão de filhos de Encruzilhada ao comando do maj Francisco Ribeiro.

Integrava esta força o 29 BI (—) farrapo

Reserva: Ao comando de Neto integrada por duas brigadas de Cavalaria dispostas atrás do centro do dispositivo e em especial da Artilharia. Entre elas a Brigada Liberal de Neto integrada por filhos de Piratini, anguçu, Pinheiro Machado e Bagé, até o Pirai.

Assim, os republicanos contra a Esquerda e Centro imperial a base de Infantaria, com apoio de Artilharia e tirando partido do terreno dominante, lançariam sua Direita e Centro a base de Cavalaria, reforçadas com Infantaria e Artilharia.

Contra a Cavalaria imperial, na Ala Direita, eles lançariam a sua maior e mais valorosa tropa de Cavalaria, comandada por intrépidos líderes de Arma: Canabarro, Teixeira Nunes e Manoel do Amaral e mais Francisco Ribeiro, segundo se concluiu do testemunho a Caldeira.

Desenvolvimento do Combate

O combate teve início por volta das 5:40 horas da manhã e durou cerca de uma hora e vinte minutos, “entre grandes alaridos e toques de clarim”, quando 2.800 republicanos das três armas, a partir de posições numa várzea, investiram cerca de 1000 imperiais das três

armas, dispostos em posição elevada na coxilha do Barro Vermelho, da qual tiraram o máximo partido.

O combate se resumiu em ataque geral das alas e centro imperiais. Houve primeiro o rompimento do Centro depois de uma inexpressiva reação defensiva em toda a frente.

Segundo interpretamos a luz das partes de ambos os contenedores o combate assim desenvolveu-se:

A iniciativa foi tomada pela Ala Direita republicana ao comando do Cel Silveira que rompeu fogo às 5:40 horas da manhã sobre a Ala Esquerda imperial, defendida pelo 2º BC ao comando do valoroso cel Guilherme José Lisboa. Este foi atacado pelo 19º BI republicano apoiado por 2 esquadrões de Cavalaria. A Infantaria republicana fixou a Infantaria Imperial, fato aproveitado pela Cavalaria republicana para envolver a Ala Imperial e penetrar até a retaguarda do Centro, depois que este foi rompido por Netto, com a Reserva.

Face a esta realidade, alguns integrantes do 2º BC começaram a debandar desordenadamente. Seu comandante o cal Lisboa formou o quadrado e bateu-se com valor e coragem inauditas. Os republicanos impressionados gritavam-lhe: “Rende-te coronel valente! E ele respondia várias vezes: “— Minha espada no se entrega a rebeldes! E tombou morto lutando como um bravo, até o último a lento.

No Centro o Gen Antonio Netto carregou contra a Artilharia e 1º BC (Reserva) imperial. A Artilharia protegida por um fosso conseguia fazer cerca de 4 a 5 disparos sendo logo ultrapassada, envolvida e silenciada por 3 esquadrões da Reserva de Netto. A Artilharia republicana só fez um disparo, pois se insistisse iria atingir republicanos combatendo no alto da Coxilha do Barro Vermelho.

Neste ponto o 1º BC se desorganizou e se poz em fuga em direção a vila do Rio Pardo.

Segundo o comandante Cunha da Infantaria Imperial “o ataque republicano iniciado no flanco esquerdo que cedeu, possibilitou a entrada da Cavalaria por sua retaguarda.”

No flanco direito imperial a luta entre as cavalarias imperial e republicana foi mais difícil e demorada. O ataque republicano sofreu um atraso de uns 6 ou 7 minutos, por ter desfilado ao longo de uma sanga cuja travessia devia ser feita quase a nado. Enquanto a Divisão Crescêncio desviava a sanga, Canabarro mandou que dois meios esquadrões de “gente muito boa para a guerra de Encruzilhada” e ao comando do mai Francisco Ribeiro atacassem. Canabarro falou então, segundo testemunha, “quero ver hoje os bravos de Encruzilhada Sr Ribeiro” Os encruzilhadenses não carregaram a espada. Deram uma descarga de davinote nos imperiais de Calderon. Foi nesta ocasião que o 1º Esquadrão do Corpo de Lanceiros, ao comando do canguçuense Teixeira Nunes os atacou de flanco. E deu-se disputado entrevero. A Cavalaria foi atacada a espada pela retaguarda pelo Maj Ribeiro e sua gente e pelo Ten Cel Teixeira Nunes a lança, com seus lanceiros, pelo flanco.

O brig. Calderon resistiu o que pode. Deu três ataques sendo que o primeiro com o Esquadrão de Juca Ourives e o último para desaferrar do adversário. Ao deixar o campo do combate teve que abrir caminho combatendo até o rio. Cerca de 60 imperiais de Cavalaria travaram um combate secundário. Entrincheiraram-se atrás de uma porteira entre o sobrado e a olaria de Joaquim Bento, O acesso a porteira possuía valas de ambos os lados. Assim cerca de 400 lanceiros negros bem montados, armados de pistola e lança investiram os 60 imperiais fazendo fogo e os neutralizaram.

Os lanceiros atenderam ao seguinte apelo do Cel Crescêncio:

“— *Brioso Corpo de Lanceiros. Eu vim do Rio Grande somente para conhecer o valor desse corpo. O inimigo se acha vencido por todos os pontos que foi atacado. Só resta na vossa frente meia dúzia de escravos. Toca a carga clarim*”

Com o toque de carga o Corpo atacou levando de roldão, na frente, o porta estandarte o sargento Caldeira, cronista farrapo e a peito de cavalo foi derrubada a porteira de Joaquim Bento, por onde os lanceiros negros penetraram e bateram os 60 imperiais.

O Corpo de Lanceiros avançou até Rio Pardo onde entrou pela rua da igreja Senhor dos Passos. Dali depois de reunir-se ao seu comandante Teixeira Nunes, ferido a bala no ombro esquerdo, foi até o porto rio Pardo, próximo a confluência do rio Pardo, onde não pode impedir a fuga de Barreto. Do porto marcharam para a ponte onde 2 companhias imperiais do 29 BC resistiam bravamente. Teixeira Nunes recebeu ordem de Crescêncio de investir aquela tropa.

Uma unidade de Infantaria recebeu ordem de ultrapassar os Lanceiros, Crescêncio estimulou:

Avança batalhão da glória.”

O Capitão que comandava o Batalhão começou a avançar atirando em linha de caçadores, tendo a sua esquerda o Corpo de Lanceiros progredindo. O comandante imperial, um tenente, depois de concluir da inutilidade da resistência formou sua tropa em c(rculo, embainhou a espada e mandou que a tropa voltasse para baixo as bocas das armas. Assim, segundo o cronista Caldeira, testemunha, aqueles imperiais “deram um exemplo de bravura disciplina e honra militar”.

Crescêncio dirigiu se ao oficial ***“— Tenente entregue a sua espada está prisioneiro com toda a sua força. Esteja tranqüilo que a sua vida e a dos seus soldados estão garantidas. Onde estão os músicos que estavam aqui?” “Estão ali no mato”, respondeu.—”Mande ..os vir que estão garantidos”. Ai apareceu o maestro Mendanha com seus músicos, menos dois.***

O Marechal Sebastião vendo o combate perdido procurou salvar-se. Atravessou um grande fachinal e foi ter a margem do rio Jacui onde penetrou num lanchão que com outros barcos fugiam do Rio Pardo .Calderon ao conhecer a derrota por Barreto procurou salvar-se abrindo, caminho combatendo entre os republicanos. Foi até o porto e apanhou uma lancha na qual Bar- reto embarcou, logo após. O Brig. Cunha percebendo a derrota foi até o porto onde fez largar rio abaixo três lanchões de guerra, duas balsas para cavalos e canoas. Conseguiu recolher cerca de 100 extraviados. Próximo a foz do arrio do Couto foi bombardeado por duas peças republicanas. Antes Barreto e Cunha buscaram proteção com Calderon.

Os três generais Barreto, Cunha e Calderon viajaram até Triunfo. Dali a bordo do barco de guerra “Leopoldina” ao comando do cap. Guilherme Parker chegaram constrangidos a Porto Alegre onde, depois, foram submetidos a Conselho de Guerra e absolvidos.

Perdas Imperiais

Segundo Alfredo Varela, o gen Antonio Netto mencionou que os imperiais tiveram 370 mortos e 800 presos inclusive feridos, o que dá um total de 1170 imperiais para um efetivo em Rio Pardo de 1546. E provável que a realidade se aproxime desta cifra e que

somente 376 conseguiram evadir-se do Quadrilátero do Rio Pardo e poucos nos navios de guerra Surtos no porto do Rio Pardo.

Tristão de Araripe por seu turno, em 1881, mencionou como mortos 2 coronéis, 5 alferes e 60 praças e como prisioneiros 300 oficiais e mais 100 praças.

Netto referiu também especificando que morreram em combate 370 imperiais dos quais 1 coronel (Lisboa, 3 iajores e 20 subalternose que se apresentaram presos 1 coronel, 1 tenente coronel, 2 majores, 58 oficiais subalternos e mais de 800 sol dados.

Embora conflitantes, pelas circunstâncias do combate vitorioso travado numa regio onde a única possibilidade de retirada era embarcada, as perdas imperiais se expicam, em número elevado em cerca de 75%.

Cairam em poder dos republicanos 8 peças de Artilharia, 1000 armas de Infantaria, 8000 cartuchos carregados e uma banda de música chefiada pelo Maestro Mendanha, futuro autor do Hino Farroupilha e que estudamos em *O Negro na Sociedade do AOS* (Palegre, IEL, 1975). republicanos sofreram 200 baixas sendo 17 mortes, das quais 1 capito e 2 soldados dos Lanceiros Negros.

Esta vitória deu um grande alento moral aosrepublicanos que submeteram Porto Alegre ao 39 e último sftio, 17 Jun 1838 —8 Dez 1840.

O Cel Guilherme José Lisboa morreu como um bravo, de igual forma que cerca de um ano antes, em Triunfo, o Cel Gabriel Gomes que Spalding confundiu como a mesma pessoa, ao estudar o combate do Rio Pardo.

O Mal Barreto, antigo comandante da 2º DI, em Passo do Rosário, teve a(o seu Waterloo. O bravo defensor de Porto Alegre Brig Cunha irá encontrar a morte no combate de Santa Vitória no ano seguinte, bem como o brig Canderon de um ataque apoplético em reconhecimento na margem do Jacui.

Brilharia a estrela do Majór José Joaquim Aridrade Neves em nossas lutas externas contra Oribe e Rosas 1851-52 e contra o Paraguai, quando consagrou-se com um dos grandes astros de todos os tempos da Cavalaria Brasileira.

Os soldados imperiais presos no Rio Pardo eram em maioria paulistas. Libertados pela República voltaram para São Paulo via terrestre Vacaria- Lajes-Sorocaba. Mais tarde pau listas integraram divisões ao comando do Brig Xavier da Cunha e depois de Labatut contra a República Rio-Graridense.

Os Manoel Bento e Joaquim Bento referidos na descrição do combate como proprietárias de uma olaria eram respectiva- mente tetra e trivaso do autor destas linhas e portugueses de nascimento.

No ano seguinte, o 1º aniversário do combate do Rio Pardo foi festejado solene e festivamente na nova capital da República Rio-Grandense, Caçapava. O programa segundo registrou *O Povo* foi marcado por missa, fogos, banquete, baile e hasteamento do pavilhão tricolor no forte farrapo, no local da atual Biblioteca Municipal.

A Arte Militar republicana no combate do Rio Pardo

No combate do Rio Pardo os republicanos assim observavam os Princípios de Guerra.

Objetivo: Foi marcado com o objetivo, ataques simultâneos das alas imperiais, com envolvimento respectivo, acompanhados de uma penetração no Centro. Esta foi conseguida de modo pioneiro, rápido e eficaz com o emprego de Reserva.

Surpresa: Não foi caracterizada significativamente, a não ser antes do combate, quando os republicanos se infiltraram no Rincão de Rey, sem serem percebidos e na primeira oportunidade cortaram a retirada terrestre imperial para Santo Amaro, via ponte do Couto. Não houve surpresa que Alencar Araripe assim referiu em 1881: “atacaram inesperadamente o Rio-Pardo do qual se apoderaram após mortífero combate”.

Ofensiva: Pode ser caracterizada pela conquista e manutenção da iniciativa das ações pelos republicanos, até imporem, de modo relâmpago, sua vontade ao adversário. Atacaram em toda a frente e sempre. Foram ao encontro dos imperiais coxilhado Barro Vermelho acima, sendo que contra a Infantaria e Artilharia lançaram Infantaria mais Cavalaria. Atacaram sempre a cavalo, a espada e lança. O número de 370 imperiais mortos atesta o espírito ofensivo dos republicanos, bem como a desorganização geral que promoveram no despositivo imperial que ruuiu logo ao primeiro embate.

Manobra: Através de movimentos rápidos, seguros e coordenados os republicanos colocaram seus meios em posição vantajosa em relação aos imperiais. Para apoio movimento de penetração no Quadrilátero, construíram até uma ponte. Conseguiram em pouco tempo inverter a situação privilegiada imperial que se postou em terreno dominante e favorável a Infantaria e a Artilharia, a primeira vista inexpugnável. O que caracterizou a manobra foi a simultaneidade dos ataques de envolvimento das alas com a ruptura inicial do centro, a carga da Reserva, a base de Cavalaria. Outro momento notável foi quando Canabarro lançou a tropa de Encruzilhada sobre a Cavalaria imperial, assegurando ao Corpo de Lanceiros ganho de tempo para desviar de uma sangria a nado, para em seguida, lançar-se sobre o flanco adversário.

Caracteriza também a manobra a judiciosa combinação de Armas Cavalaria-Infantaria, na Ala Direita e Centro republicano.

Massa: Consistiu em os imperiais serem mais fortes nos pontos decisivos a Ala Direita Imperial, a base de Cavalaria e no Centro, com apoio da Reserva. Sobre a Ala foi lançada a Divisão de Crescêncio integrada por unidades de escolta, afeitas às ações de choque, inclusive comandadas por Canabarro, Teixeira Nunes e Amaral. Enfim, 1ª Divisão integrada pelos legendários e experimentados Crescêncio, Canabarro, Teixeira Nunes e Amaral que por si caracterizam o princípio da Massa.

Economia de Meios: Consistiu na distribuição judiciosa e compatível dos meios disponíveis, entre as ações — Principal (Ala Esquerda), e ações secundárias (Centro e Ala Direita) e a Reserva que foi decisiva para apressar a vitória. A Ação Principal foram dados meios suficientes sob a liderança de chefes de grande valor e experimentados, Canabarro, Crescêncio, Teixeira Nunes e Amaral. As ações secundárias receberam meios compatíveis, com dosagem adequada de Cavalaria, mais Infantaria.

Segurança: Caracterizada pelos ataques da Esquerda e Centro Imperial terem sido executados com apoio de Infantaria, por terem de enfrentar Infantaria em posição defensiva, em terreno dominante.

Outra preocupação de Segurança foi o atacar-se na direção contrária a da única possibilidade de retraimento terrestre, em caso de insucesso.

A maior caracterização da Segurança foi constituir-se Reserva compatível, a base de Cavalaria que lançada em momento propício acelerou a vitória. Constituiu Segurança pelas informações o reconhecimento que os republicanos fizeram no dispositivo imperial, no Barro Vermelho.

Simplicidade: Conclui-se que a manobra foi simples e transmitida aos executantes com clareza. Cada divisão fez a sua parte com eficiência e eficácia. Foi um ataque em cada ala, concomitante com um ataque decisivo no Centro imperial, com a Reserva republicana.

Unidade de Comando: Toda a operação subordinou-se a Bento Manoel. A execução da mesma foi descentralizada.

A Manobra republicana e os seus elementos: A Manobra que culminou com a estrondosa vitória do Rio Pardo foi uma manobra ofensiva, do tipo central, na modalidade Penetração, seguido de duplo desbordamento das alas.

As direções do ataque foram divergente e a sua amplitude tática.

REFLEXÃO FINAL

O presente combate a maior vitória militar da Única experiência republicana concreta, a meio século da Proclamação da República, se insere nos alicerces da mesma.

Os ideais dos farrapos, depois de dormirem de 1845-70, se reacenderam e crepitaram forte até sua concretização, em 15 nov 1889, pela espada do Mar Deodoro, o que contou com o forte estímulo do jornal *A Federação* que refletia os ideais e simbolismo da República Rio-Grandense, consagrados pela Constituinte do Rio Grande de 1891. Recebera o nome de Clube 20 setembro, entidade organizada, em 1882, em So Paulo, por estudantes gaúchos, entre os quais Assis Brasil que então escreveu a primeira História da Revolução Farroupilha, do ponto de vista dos farrapos, glorificando - os e exaltando o republicanismo dos mesmos. Constatar isto é obra de raciocínio e simples verificação. Daí a propriedade de desse estudo de um fato que constitui para aliar.

FONTES DE CONSULTAS

A presente interpretação se baseou nas seguintes fontes:

01 ARARIPE, Tristão Alencar. **Guerra Civil no RGS**. Rio de Janeiro, Tip Universal, 1881, p. 81-84.

02 BENTO, Cláudio Moreira, Cel. **O Exército Farrapo e os seus Chefes**. (Ensaio inédito, com síntese militar estratégica da revolução, estudo lideranças militares farrapas e a Doutrina do Exército Farrapo (Organização, Equipamento, Instrução, Motivação e Emprego). Trabalho disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

03 ____.. Sesquicentenário da Revolução Farroupilha: **Diário Popular**, Pelotas, 30 Set 1985 (Cadernos especiais com diversos perfis farrapos).

04 ____.. Sesquicentenário do combate do Seival. **A Defesa Nacional**. nº 766, Jul/Ago 86.

05 ____.. Porto Alegre — Memória dos 3 sítios farrapos. *Rio, de Janeiro Ed. abril*,

06 ____.. Sete perfis farrapos. **RIHGRGS**, nº124, 1986.

04 — CALDEIRA, Manoel Alves da Silva. Testemunho do combate do Rio Pardo. In.: **Anais do Arquivo Histórico do RGS**. P.alegre, CORAC, 1981, v. 5, p. 353-356.

05 — FAGUNDES, Morivalde Calvet, Gen. **História da Revolução Farroupilha**. Failegre, EDUCS-EST-MARTINS, 1984, p. 227-232.

06 — FRAGOSO, Augusto Tasso, Gen Div. **A Revo/ução Farroupilha**. Rio de Janeiro, Bibliex, 1939, p. 105-118.

10— SPALDING Walter **A Epopéia Farroupilha**. Rio de Janeiro, Bibliex, 1963, p. 122.130

11 — VARELA, Alfredo. **História da Grande Revolução** P.Alegre, Liv. Globo, 1933, v. 4, p. 115-152.

Sócios DO IHTRGS

10 SET. /1986 — 10SET. /1987

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL — Fundado em 10 de setembro de 1986, em Pelotas—RS —sócios EFETIVOS

FUNDADORES: ALBERTO ROSA RODRIGUES (Pelotas), ANGELO PIRES MOREIRA (Pelotas) Coordenador Geral; ARNALDO LUIZ CASSOL (Caçapava do Sul); CLAYR LOBO ROCHEFORT (Pelotas); CLAUDIO MOREIRA BENTO (Rio de Janeiro) Presidente; CORÁLIO PARDO CABEDA (Porto Alegre) Tesoureiro; FERNANDO O'DONNEL (Porto Alegre); GASTÃO ABBOTT (Rio de Janeiro); HELIO MORO MARIANTE (Porto Alegre); Vice Presidente IVO CAGGIANI (Santana do Livramento); JONAS DE MORAIS CORREIA NETO (Porto Alegre); JOSÉ LUIZ SILVEIRA (Santa Maria); JÚLIO PETERSEN (Porto Alegre); MANOEL AIRTON RODRIGUES (São Gabriel); MARIO GARDELIN (Caxias do Sul); MARIO

MATTOS (Sorocaba-SP); MORIVALDE CALVET FAGUNDES (Rio de Janeiro); MOZART PEREIRA DE SOUZA (Palmeira das Missões); OSÓRIO

SANTANA FIGUEIREDO (São Gabriel) — Secretário; PERICLES AZAMBUJA (Santa Vitória); SEJANES DORNELLES (Santa Vitória); TELMO

LAURO MULLER (São Leopoldo) e HUMBERTO CASTRO FOSSA (Encruzilhada do Sul). SÓCIOS HONORÁRIOS EFETIVOS: JONAS DE MORAIS

CORREIA FILHO (Rio de Janeiro); ARTHUR FERREIRA FILHO (Porto Alegre); DANTE DE LAYTANO (Porto Alegre); SÓCIOS HONORÁRIOS FUNDADORES: CÍRCULO MILITAR DE PELOTAS; DIÁRIO POPULAR (Pelotas); DIÁRIO DA MANHÃ (Pelotas); BIBLIOTECA PÚBLICA DE PELOTAS; INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PELOTAS;

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO; INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL; FUNDAPEL; LIGA DE DEFESA NACIONAL (Pelotas); UNIÃO GAÚCHA SIMÕES LOPES NETO (Pelotas); CTG CL THOMAZ LUIZ OSÓRIO (Pelotas); 8ª BRIGADA DE INFANTARIA MOTORIZADA (Pelotas); COMPANHIA DE PETRÓLEO IPIRANGA; ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS; CTG NEGRINHO DO PASTOREIO (Pelotas); CTG SINUELO (Canguçu); CTG JOAQUIM

PAULA DE FREITAS(Canguçu); GRUPO NATIVO CANGUÇUENSE RAUL SILVEIRA; SADI LISBOA FILHO; 9º BATALHÃO DE INFANTARIA MOTORIZADO (Pelotas); 4º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR (Pelotas); ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO (Rio de Janeiro); FRANCISCO RODRIGUES FERNANDES JUNIOR (*Brasília*); MUSEU DA CIDADE DO RIO GRANDE; XXV REGIÃO TRADICIONALISTA (RS) e XXI

REGIÃO

TRABADICIONALISTA (RS). SÓCIOS COLABORADORES FUNDADORES — CLASSE ESPECIAL:

AMÉRICO JACOBINA LACOMBE (Presidente

do IHGB — Rio de Janeiro) e FRANCISCO DE PAULA EAZEVEDO PONDÉ (Presidente do IGHMB — Rio de Janeiro); CARLOS MARINO LOUZAD (Pelotas); MARLENE BARBOSA COELHO (Canguçu); Irmã FIRMINA

SIMON (Canguçu); ARMANDO ECIQUO PERES (Canguçu); JESUS MARQUES PEREIRA (Canguçu); LAEDI BACHINI ROSEMBECKER (Canguçu)

ALMEIDA SOUZA SOARES (Canguçu); SR MOGAR (Pelotas); ADYR BONFÍGLIO OLINTO (Rio Grande do Sul); ALDA MARIA DE MORAES JACCOTTET (Pelotas); JOÃO JOSÉ PLANELA (Pelotas); LIBERATO DA CUNHA FRIEDRICH (Cachoeira do Sul); BRASULINO DE SOUZA RIBEIRO (Canguçu). COLABORADORES FUNDADORES — SENIOR: MARIA HELENA VALENTE FONSECA (Canguçu); PAULA SHERER BENTO

(Canguçu); CACILDA.MANKE BENTO (Canguçu); ELTON ROCHA MAGALHÃES (Pelotas) e ENIO CEZAR GONÇALVES (Pelotas). COLABORADORES FUNDADORES: EDSON VIGNOLE (Pelotas); DARKE NUNES FIGUEIREDO (Pelotas); JOSÉ VIEIRA ECHEVERRY (Pelotas); GERALDO JOSÉ MACIEL (Pelotas); MARCO VIANA (Pelotas); JOÃO AUGUSTO DE MORAIS (Pelotas); JOÃO CARLOS LAMAS (Pelotas); COMANDANTE DO 9º BATALHÃO DE INFANTARIA MOTORIZADO; COMANDANTE DO 4º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR; ANECY CAMPOS FILHO (Rio de Janeiro) e CLAUDIO BELO GOMES (Rio de Janeiro). sócios COLABORADORES: REYNALDO SILVA CIDADE (Caçapava do Sul); ODILON JOSÉ RAMOS (São Gabriel); NICOLAU DA SILVA ABRÃO (Caçapava do Sul); VONE SHERER BENTO (Canguçu); JACIRA GOMESSOUZA SOARES (Pelotas); BENEDITO LAJOVA GARCIA (Santa Maria) SÉRGIO ANTONIO ROCHA (Cachoeira) e BRASIL MUNIZ SILVEIRA (Piratini). SÓCIOS

HONORÁRIOS: OTOMAR VIVIAN (Prefeito de Caçapava);
CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA DE PORTO
ALEGRE; UNIÃO GAÚCHA DE PELOTAS.

Tornaram poss(vel a edição deste trabalho: MÁRIO MONTEIRO — sócio Honorário (Rio de Janeiro) NADIR FERREIRA VITÓRIA — Sócio Colaborador (Pelotas).

Este trabalho esta disponivel no site citado da FAHIMTB, em O Exército Farrapo e os seus chefes v.2